



ENTRE NA RODA: DIÁLOGOS PARTILHADOS SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR

Eronice Rodrigues Francisco¹

RESUMO

A participação ativa dos alunos em rodas de conversa pode ser um critério de avaliação importante. Ela reflete a capacidade dos alunos de se comunicarem eficazmente, expressarem suas ideias, ouvirem os colegas e contribuírem para discussões construtivas. Essa habilidade é valiosa tanto no ambiente escolar quanto na vida em geral. Ademais, as rodas de conversa também podem ser usadas para avaliar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, respeito pelos outros, habilidades de resolução de conflitos e autoconsciência. Essas desenvolvimentos desempenham um papel crucial no desenvolvimento pessoal e na interação social. Frente a esse cenário, o presente estudo almeja aproximar as práticas denominadas como rodas de conversa das contumazes práticas avaliativas a fim de se proporcionar uma nova forma de ensinar. Dessa forma, é importante notar que as rodas de conversa não substituem completamente as avaliações tradicionais, como testes e provas. No entanto, elas podem enriquecer o processo de avaliação ao fornecer informações qualitativas, promover a participação dos alunos, apoiar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e criar um ambiente de sala de aula mais engajador e inclusivo.

Palavras-chave: Avaliação; Rodas de Conversa; Práticas Docentes.

ABSTRACT

The active participation of students in conversation circles can be an important evaluation criterion. It reflects students' ability to communicate effectively, express their ideas, listen to peers, and contribute to constructive discussions. This skill is valuable both in the school environment and in life in general. In addition, conversation circles can also be used to assess the development of socio-emotional skills, such as empathy, respect for others, conflict resolution skills, and self-awareness. These resourcefulness play a crucial role in personal development and social interaction. Faced with this scenario, the present study aims to bring together the practices called as conversation circles of the contumacious evaluative practices in order to provide a new way of teaching. Thus, it is important to note that conversation circles do not completely replace traditional assessments such as tests and exams. However, they can enrich the assessment process by providing qualitative information, promoting student participation, supporting the development of social-emotional skills, and creating a more engaging and inclusive classroom environment.

Keywords: Evaluation. Conversation Wheels. Teaching Practices.

¹ Primeiramente, farei um breve histórico da minha formação acadêmica e profissional. A minha formação acadêmica consiste inicialmente na graduação no curso de LETRAS (2007), oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT. Sou licenciada também em Pedagogia oferecida Faculdade Albert Einstein- FALBE. Sou especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdades Integradas de Cassilândia- FIC. Sou mestre em Ciências da Educação oferecido pela Universidad Gran Asunción- INIGRAN, localizada no Paraguai. Há doze anos tive a oportunidade de ingressar na carreira docente, atuando especificamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Particpei de vários cursos complementares e programas como Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA, curso de Extensão: Pró-LETRAMENTO em MATEMÁTICA, curso de Aperfeiçoamento para LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO para as séries iniciais do Ensino Fundamental.



INTRODUÇÃO

O ato de avaliar é ouvir e presenciar o sentimento de insatisfação, dúvida, angústia e preocupação do educando. O educador se preocupa em elaborar provas, trabalhos e atividades para avaliar quantitativamente seus educandos e estes demonstram insatisfação, dúvidas e angústia, que, na maioria das vezes, podem não demonstrar o real grau de aprendizagem consorciado com o conhecimento do educando, no enfrentamento das dificuldades.

Luckesi (2002) contextualiza que a avaliação tem uma conotação diferenciada da verificação, pois abrange uma ação que extrapola a aquisição da forma do objeto, determinando a tomada de decisão do que fazer com ele. A verificação é um ato que “congela” o objeto; já a avaliação direciona o objeto numa trilha eficaz da ação.

Assim, é necessário que o educador, após o diagnóstico avaliativo dos educandos no início do ano letivo, prepare um planejamento voltado para o processo de construção de um saber estruturado que abarca todos os educandos nas diferentes nuances.

Postas tais considerações introdutórias, o presente artigo traz como elemento de interseção as *rodas de conversa* que devem ser consideradas como ações de grande importância para as práticas docentes que envolvam atos avaliativos. Sobre elas, Marquez et al. (2020) reflete que essas rodas são uma abordagem de comunicação e interação social que envolve um grupo de pessoas se reunindo em um círculo para discutir tópicos específicos de forma colaborativa e construtiva. Essas conversas são caracterizadas pela igualdade de participação, respeito mútuo, escuta atenta e troca de ideias abertas. As rodas de conversa têm como objetivo promover a comunicação significativa, o aprendizado mútuo e a construção de relações mais saudáveis e produtivas.

Dessa forma, este estudo tem a meta de aproximar as práticas denominadas como rodas de conversa das contumazes práticas avaliativas a fim de se proporcionar uma nova forma de ensinar. Para isso, irá detalhar uma prática desenvolvida na Escola Estadual Maria Auxiliadora, no estado do Mato Grosso a fim de caracterizar essa prática.



AVALIAÇÃO: DISCUSSÕES INICIAIS

A cada bimestre torna-se necessário analisar o desempenho diário de cada um dos educandos, também é necessária uma autoavaliação por parte do educador. Quando o efeito acumulado não considerar os objetivos delimitados para o período, faz-se necessário a reelaboração do planejamento, desenvolvendo um replanejamento, para que o diagnóstico adquirido ganhe novos métodos e técnicas, e sejam colocadas em práticas pelo educador na busca de resultados reais, concretos e que atingem o objetivo previsto para o bimestre.

O sentimento de impotência por parte do educador após uma nota baixa do educando, numa avaliação pontual, já é sumariamente superado com a utilização de uma prática docente que permita verificar cotidianamente o saber formado em seus educandos. Quando isso acontecer, faz-se necessário um replanejamento com a implementação de técnicas capazes de transformar esses baixos conceitos.

Conforme André (1996), a avaliação formativa é aquela que prepara o educando a aprender e o educador a ensinar. Para mostrar seu jeito formativo e desvinculá-la da associação que se faz frequentemente entre avaliação e notas, Perrenoud prefere conceituar em observação formativa, que, segundo ele, deve estar no acompanhamento da aprendizagem e da ação didática.

Santos e Varella (2009) afirmam que a avaliação qualitativa possui a função de cientificar o educando e o educador sobre os resultados que estão sendo obtidos no decorrer do desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios).

O processo ensino-aprendizagem tem seu início com um planejamento, mas não termina com a avaliação. A avaliação é apenas um ponto de reflexão, tanto por parte do educador como do educando.

Para compreender melhor o ato de avaliar Luckesi (2002) apresenta três pontos básicos que devem ser levados em consideração, primeiro é o acolhimento de dados, ou seja, não pode se dados que fuja da realidade do



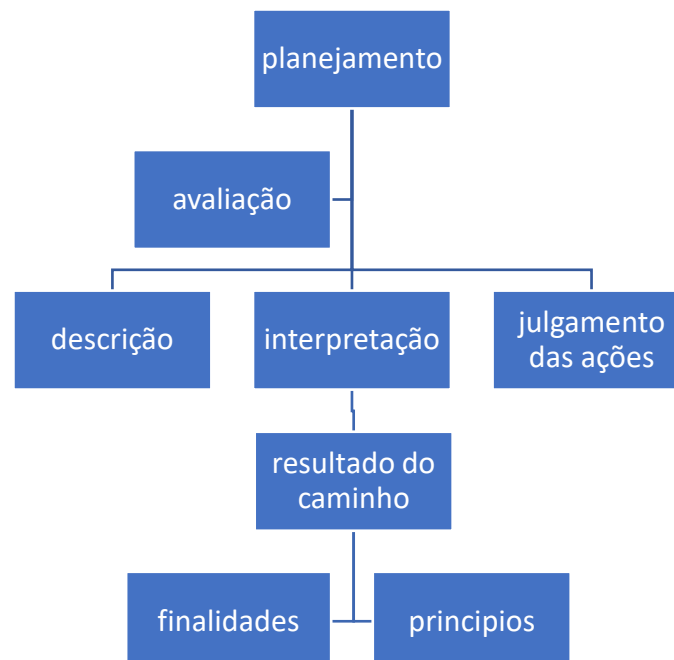
educando. Já o segundo ponto são os instrumentos de avaliações que devem ser adequados aos conteúdos planejados, e por último o uso dos instrumentos, isto é a forma em que eles estão sendo utilizados.

Os PCNs (1997) nos embasam com este fragmento:

Uma concepção de desse tipo pressupõe considerar tanto o progresso que o aluno desenvolve ao aprender como o produto alcançado. Pressupõe também que a avaliação se aplique não apenas ao aluno, considerando as expectativas de aprendizagem, mas às oferecidas para que isso ocorra. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido – se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade: a de fazer aprender (BRASIL, 1997, p. 84).

A avaliação por sua vez compreende a descrição, a interpretação e o julgamento das ações desenvolvidas, resultando na redefinição dos caminhos a serem seguidos, tendo como referências finalidades e princípios.

Imagem 1. Âmbito da avaliação



Fonte: Elaborado para este estudo.



A questão da avaliação deve ser interpretada como algo que possa contribuir para o conhecimento do educando, permitindo dessa forma, sua autonomia intelectual, mormente numa compreensão na área do conhecimento, bem como, sua participação de forma democrática junto ao processo de ensino – aprendizagem, proporcionando-lhe incontestavelmente, acesso aos bens culturais e ao conhecimento produzido ao longo da história.

RODA DE CONVERSA

As rodas de conversa, metodologia bastante utilizada nos processos de leitura e intervenção comunitária, consistem em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia.

Os docentes proponentes desta metodologia revelam a base de fundamentação a partir da proposta da Intervenção Participativa dos Atores (INPA) dos atores sociais. A mesma afirma-se como princípio orientador das atividades e do ideário de construção coletiva necessária ao processo, conforme Furtado e Furtado (2000).

A proposta pedagógica da INPA implica um processo educativo no qual cada um, individualmente, e todos, no coletivo, tenham clara a sua posição de sujeitos da história. Apresenta-se basicamente como uma concepção dialética, uma forma de ver a realidade de modo crítico, buscando articular num processo integral a participação dos envolvidos. [...] A abordagem e os métodos pedagógicos proporcionam a conscientização e a compreensão da própria realidade [...] e ajudam a desenvolver o sentido da busca de transformação dessa realidade. As interações oferecidas aos membros do grupo ao desenvolver a Intervenção Participativa, na forma de investigação sobre a realidade, ajudam a transformar as pessoas envolvidas ou mesmo as organizações em um grupo com perspectivas e objetivos comuns, com tarefas e responsabilidades definidas no coletivo (FURTADO; FURTADO, 2000, p. 67)



A proposta metodológica *roda de conversa*, vale salientar, se apresenta neste trabalho como ferramenta bastante significativa para o desenvolvimento das atividades coletivas da comissão, configurando-se de tal forma como fruto da troca de experiências de alguns membros do grupo de docentes.

Como nos alerta Vlach (2002):

[...] não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas possibilitar formas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos, produzindo assim, saberes reais (VLACH, 2002, p. 15).

Esses desafios suscitam a inquietação e a busca por possibilidades de construção de práticas didático-pedagógicas, as quais, na vivência cotidiana da docência, traduzem-se no que se vem denominando de inovações pedagógicas para o ensino superior voltado à formação de professores.

Essa metodologia a que costumamos denominar rodas de conversa congrega na proposta de ensino ora apresenta um conjunto de etapas, atividades e papéis distribuídos entre os educandos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Configura-se através da articulação entre as etapas: de leitura, coordenação e sistematização de ideias centrais e secundárias; exposição dos conteúdos para o estímulo ao debate; facilitação do debate e relatoria analítico-reflexiva numa perspectiva dialógica entre os argumentos teóricos e as ideias produzidas e oportunizadas por intermédio da discussão gerada.

A experiência de aplicação dessa metodologia propicia apontar as seguintes percepções:

1. observa-se uma motivação mais ampliada entre os educandos na perspectiva de compreender que a leitura dos textos-base selecionados se constitui etapa fundamental para a sua formação acadêmico-profissional;



2. a conscientização acerca da necessidade de leitura permite ampliar as possibilidades de abstração teórica dos conteúdos;
3. a ampliação da capacidade de abstração analítico -interpretativa propicia, por sua vez, uma articulação mais profunda entre a leitura de mundo do educando e os fundamentos teóricos que norteiam o debate sobre a realidade.

PAPEL DO AGENTE MOBILIZADOR NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Analisando que o processo ensino-aprendizagem constitui-se, como afirma Libâneo (1990), em uma relação bilateral, amparada no diálogo de saberes, significados, confrontos e interações de ideias, constata-se a importância do professor como agente mobilizador do conhecimento, aquele através do qual se constroem e reconstroem os conceitos, se sistematizam as leituras de mundo e se desenvolvem a diversas habilidades de interpretação, registro e análise crítica acerca dos fenômenos e processos espaciais.

Desta forma, enfatizando o papel daquele que faz a intermediação entre o aluno, sujeito do processo de construção do conhecimento e o objeto de conhecimento, atribuímos ao professor a capacidade e a responsabilidade pela condução metodológica norteadora do processo ensino-aprendizagem.

E neste sentido, cabe destacar o contexto contemporâneo do advento da revolução científico-técnica, a qual nos põe no cerne do debate acerca de conceitos e métodos fundantes para a construção e difusão do saber, marcando um período que, de um lado, reafirma o crescimento da informação, do conhecimento e da técnica.

O papel do pesquisador ou, no caso da roda de conversa, do agente mobilizador, é sempre fundamental. Cabe-lhe levar quem lê a perceber as imensas possibilidades de um texto e tudo o que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação. Estamos, pois, com um material precioso nas mãos, no qual podemos despertar o prazer da aprendizagem através da roda de conversa numa relação afetiva com seu cotidiano.



Imagem 2. Roda de conversa na Escola Estadual Maria Auxiliadora



Fonte: Arquivo da escola.

Para Marquez et al. (2020), a diferença é que ali existe um leitor-guia que, normalmente, é o pesquisador. Este guia lê em voz alta, pausadamente, enquanto todos acompanham a leitura no seu respectivo texto. Depois, ele inicia uma conversa com os educadores. Falo em conversa porque não se trata de ler ou fazer uma conferência com tema previsto. O comentário é feito em tom de diálogo, de seus questionamentos, suas curiosidades. Dependendo também da dimensão das leituras, as mesmas podem assumir um papel importante na vida de seus participantes.

Geralmente, uma pessoa atua como facilitadora para guiar a conversa e garantir que as regras do diálogo respeitoso sejam seguidas. O facilitador ajuda a manter o foco no tópico em discussão e a garantir que todos tenham a oportunidade de falar.



Imagem 3. Roda de conversa na Escola Estadual Maria Auxiliadora



Fonte: Arquivo da escola.

Os participantes se sentam em um círculo para facilitar a igualdade de participação e a comunicação visual entre todos os membros do grupo. O círculo simboliza a ideia de que todas as vozes têm importância igual na discussão.

Um dos princípios fundamentais das rodas de conversa é o respeito pelas opiniões e perspectivas dos outros participantes. Isso significa ouvir atentamente, sem interrupções, e evitar julgamentos precipitados. As rodas de conversa geralmente abordam tópicos importantes e relevantes para os participantes, como questões sociais, educacionais, culturais ou comunitárias. Os temas são escolhidos para promover o diálogo construtivo e a reflexão (MARQUEZ et al., 2020).



Imagem 4. Roda de conversa na Escola Estadual Maria Auxiliadora



Fonte: Arquivo da escola.

O objetivo das rodas de conversa não é vencer um argumento, mas compartilhar perspectivas, explorar ideias e construir entendimento mútuo. É uma abordagem colaborativa que visa criar um ambiente onde todos os participantes se sintam à vontade para contribuir (MARQUEZ et al., 2020).

Imagem 4. Roda de conversa na Escola Estadual Maria Auxiliadora



Fonte: Arquivo da escola.

As rodas de conversa normalmente incentivam a participação de todos os membros do grupo, independentemente de sua posição social, idade, gênero,



origem étnica ou outra característica pessoal. A inclusão é fundamental para criar um ambiente diversificado e enriquecedor (MARQUEZ et al., 2020).

Portanto, as rodas de conversa frequentemente resultam em aprendizado mútuo, à medida que os participantes compartilham experiências e conhecimentos uns com os outros. Isso promove um ambiente de aprendizado colaborativo. Essas ações podem ser usadas em diversos contextos, incluindo educação, resolução de conflitos, tomada de decisões em grupo, terapia de grupo, promoção da comunicação e compreensão em comunidades, e muito mais. Elas são uma ferramenta eficaz para promover o diálogo construtivo, a empatia e a construção de relações interpessoais mais saudáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação de alunos em rodas de conversa difere um pouco da avaliação tradicional, como testes e provas. Em vez de se concentrar na avaliação do conhecimento factual, a avaliação em rodas de conversa visa medir habilidades de comunicação, participação, reflexão e contribuição para o diálogo.

As considerações tecidas encaminham para a percepção de que se deve avaliar a participação ativa dos alunos. Isso inclui a frequência com que eles contribuem para a discussão, fazem perguntas pertinentes, respondem às perguntas dos colegas e compartilham suas próprias ideias.

Ademais, é importante observar se os alunos praticam a escuta ativa, ou seja, se estão prestando atenção ao que os outros participantes estão dizendo. A capacidade de fazer perguntas ou comentários relevantes com base no que os outros disseram é um sinal de boa escuta.

Por fim, a escola precisa encorajar os alunos a se autoavaliarem em relação à sua participação nas rodas de conversa. Eles podem refletir sobre como contribuíram, o que aprenderam com a experiência e como podem melhorar sua participação no futuro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática, 1º e 2º ciclos do ensino fundamental**. Brasília. 1997

FURTADO, Ribamar; FURTADO, Eliane. **A intervenção participativa dos atores** – INPA – Uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável. Brasília (DF): IICA, 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA, M. H.; VLACH, V. R. Geografia escolar: relações e representações da prática social. In: **Rev. Caminhos de Geografia**. Vol. 3, nº 5. ISSN: 1678-6343. Fev/2002. Instituto de Geografia/UFU, 200. p. 44-51, 2002.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUEZ, Leticia Verri et al. Rodas de conversa remotas: ensino-aprendizagem e vivência da promoção da saúde na pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, p. e053, 2022.

SANTOS, Maria Ruth dos; VARELLA, Tereza Cristina. **A graduação da farmácia em números**. Disponível em . Acesso em: 21 de Mar de 2012.